
Entre Simbioses e *Affordances* – Conceitos das Ciências da Natureza como Elementos nos Processos Midiáticos no Contexto da Mídiação nas Redações de Jornalismo¹

Marcio Morrison Kaviski MARCELLINO²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, RS

RESUMO

O presente trabalho se norteia pela seguinte pergunta de pesquisa: De que forma os conceitos de simbiose e *affordances*, oriundos das Ciências da Natureza, se enquadram nos processos midiáticos e comunicacionais? Como objetivo principal tem-se a necessidade de compreender os conceitos nas práticas midiáticas no contexto da Mídiação, mais especificamente das redações de jornalismo. Para isso, são discutidos os conceitos em suas essências (Ciências da Natureza) e enquanto processos midiáticos e comunicacionais.

PALAVRAS-CHAVE: simbiose; *affordances*; processos midiáticos; jornalismo; teorias da comunicação.

INTRODUÇÃO

O presente artigo científico é uma discussão teórica que emerge do meu projeto de pesquisa doutoral então intitulado “Entre Simbioses e *Affordances* – a relação entre jornalistas e dispositivos móveis no contexto da mídiação”. No estudo, busca-se compreender como as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis são tensionadas nas redações em ambientes midiados. Por apresentar conceitos oriundos das Ciências da Natureza, faz-se necessário uma releitura e adaptação desses termos para o Campo da Comunicação com o foco nos processos midiáticos.

Esse movimento teórico e epistemológico permite explorar as características interdisciplinares das Ciências da Comunicação. Maria Immacolata Lopes (2007) afirma

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) com bolsa CAPES taxa II. Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Graduado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Membro dos grupos de pesquisa LACIM (UNISINOS) e INCOM (UTP).

que há um movimento de convergência dos saberes. “É no objeto-mundo ‘com sentido’ que as ciências humanas e a comunicação se encontram (LOPES, 2007, p.11).” Ainda segundo a autora

“Ao justificar que precisa aprender do outro o que não pode conseguir do seu próprio nível de análise com suas metodologias específicas e o que o ‘outro’ conhecimento é pertinente e significativo para a resolução de problemas intelectuais sobre os quais está trabalhando, tende a reafirmar e não embaralhar os dois conhecimentos” (LOPES, 2007, p.9).

A partir desse contexto, o presente trabalho se norteia pela seguinte pergunta de pesquisa: De que forma os conceitos de simbiose e *affordances*, oriundos das Ciências da Natureza, se enquadram nos processos midiáticos e comunicacionais? Como objetivo principal busca-se compreender os conceitos de simbiose e *affordances* nas práticas midiáticas e comunicacionais, mais especificamente nas redações jornalísticas.

A metodologia, portanto, se enquadra em uma discussão teórica-epistemológica sobre os conceitos embarcados nesse contexto a partir de uma seleção bibliográfica e da dialética. Para isso, esse trabalho é dividido em três momentos. O primeiro deles, uma discussão teórica sobre os processos comunicacionais e midiáticos. Serão tensionados autores como José Luiz Braga, Lucia Santaella, Roger Silverstone, Michel Seres, entre outros.

Em um segundo momento, o conceito de simbiose será trabalhado a partir das lógicas de Joel de Rosney, Marshall McLuhan, Derrick de Kerckhove, Mark Deuze e Marcio Marcellino e Mônica Fort. Após essa discussão, será abordada a perspectiva de James Gibson sobre *affordances* e a perspectiva desenvolvida no Campo do Design. Por último, simbiose e *affordances* serão compreendidos como práticas e processos comunicacionais nas redações de jornalismo.

OS PROCESSOS MIDIÁTICOS

Antes de compreender os conceitos de simbiose e *affordances* como parte de uma estrutura comunicacional e midiática, é necessário discorrer justamente sobre as práticas e processos comunicacionais e as discussões que englobam a pesquisa de tese doutoral (a relação entre jornalistas e dispositivos móveis no contexto da midiatização).

As relações entre o ser humano e os dispositivos móveis alteraram os tecidos sociais, criando novas formas de interação, produção e circulação de sentido nos discursos

em sociedade. Nesse sentido, Roger Silverstone (2014) aponta que a mídia se torna decisiva para mudanças de identidade e cultura.

Reconhecer o papel da mídia em contribuir para os diferentes timbres e matizes da vida diária; para seu caráter ordinário, como também para sua natureza única; tanto para a generalidade como para a intensidade da experiência: esses eventos seminais, estruturais que são, para indivíduos e grupos, decisivos na definição da identidade e da cultura” (SILVERSTONE, 2014, p.113)

Lucia Santaella, em uma leitura da obra de Vilém Flusser, também destaca as mudanças no paradigma social e cultura e a ligação com os processos midiáticos. “Flusser decifrava a cultura pelo prisma dos meios de comunicação como fatores que sobredeterminam não só os ambientes sociais quanto também o psiquismo humano.” (SANTAELLA, 2012, p. 3). Ainda segundo a autora, Flusser observou essas mudanças paradigmáticas em suas análises sobre a fotografia.

Para ambos, Benjamin e Flusser, o advento da fotografia trouxe consigo uma ruptura paradigmática cujos efeitos reverberam até hoje na sociedade, cultura e psiquismo humanos. Entretanto, mais relevante em Flusser é seu tratamento da fotografia como um modelo abstrato de codificação passível de funcionar para quaisquer outros sistemas de codificação que já surgiram e que estão por vir (SANTAELLA, 2012, p. 5).

Por isso, torna-se necessário compreender essas variações e modificações presentes no tecido social. Com os *smartphones*, o homem canalizou diversas práticas cotidianas em apenas um aparelho. Por exemplo, com um celular de última geração é possível se comunicar com qualquer lugar do mundo, conhecer novas culturas, e até otimizar a vida com aplicativos de saúde. Silverstone (2014, p. 25), discorre sobre esses movimentos quando afirma que “estudar a mídia é estudar esses movimentos no espaço e no tempo e suas inter-relações e talvez também, como consequência, descobrir-se pouco convencido pelos profetas de uma nova era e por sua uniformidade e seus benefícios”.

Michel Serres (2013) observa as consequências dessas transformações na sociedade. Para o autor, a nova geração “não tem mais o mesmo corpo, a mesma expectativa de vida, não se comunicam mais da mesma maneira, não percebem mais o mesmo mundo, não vivem mais na mesma natureza, não habitam mais o mesmo espaço. (SERRES, 2013, p. 20).

Essas mudanças podem ser vistas, por exemplo, nas redações de jornalismo. Os profissionais de comunicação utilizam os dispositivos móveis como uma forma de acionar a interação com a sociedade. Esses dados podem ser observados com uma

pesquisa exploratória³. Ao todo foram analisados 98 Stories de três jornalistas (Maria Beltrão, Andreia Sadi e Guga Chacra). A interação se mostrou a grande narrativa emergente dos Stories analisados para esse trabalho. No perfil da Andreia Sadi, por exemplo, houve 31 reposts de outros perfis em sua página. Maria Beltrão também interagiu e repostou 14 Stories de outros internautas. Enquanto quase a totalidade das postagens de Guga Chacra foram reposts de outros usuários.

É desse triângulo Jornalista – Dispositivos Móveis – Sociedade que os estudos sobre simbiose e *affordances* como parte dos processos e práticas comunicacionais surge. Para entender melhor as relações entre o ser humano e os dispositivos móveis, é interessante compreender os conceitos de simbiose e *affordances* e suas aplicações nas práticas e processos comunicacionais.

SIMBIOSE – UM CONCEITO EM EVOLUÇÃO

Para o desenvolvimento teórico e reflexivo deste artigo, é necessário compreender as discussões, origens e aportes do conceito de relações simbióticas e suas intervenções como fenômenos comunicacionais.

Na Ecologia, o conceito de simbiose está relacionado a interação de duas espécies que vivem juntas. Essas relações simbióticas são classificadas em três subtipos de simbiose⁴. O primeiro deles é o mutualismo, em que os dois seres da relação se beneficiam das trocas entre ambos. A segunda classificação é denominada de comensalismo e é definida quando apenas um organismo se beneficia da relação e o outro não apresenta vantagens ou danos. Por último, há também, o parasitismo. Nesse tipo de relação um organismo se beneficia e o outro é prejudicado.

A partir desse entendimento, o antropólogo e sociólogo Joel de Rosnay (1997) adaptou o conceito de simbiose para as relações entre o homem e a máquina. O autor, em sua obra, “Homem Simbiótico: Perspectivas para o terceiro milênio” descreve a co-evolução do homem com a biosfera, biotecnologias e tecnosferas. Nesse sentido, “a relação simbiótica não se estabelece de mão única: do nosso cérebro a máquina.

³ Pesquisa realizada e publicada pelo autor na edição 2021/1 da Revista Panorama – Revista de Comunicação Social. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/index>

⁴ <https://escola.britannica.com.br/artigo/simbiose/482620>

Recebemos também informações provenientes dos computadores” (ROSNAY, 1997, p.157).

Para o teórico francês, essa relação entre homem-máquina gera uma evolução constante nos sistemas de informação e comunicação em que se cria “uma reação autocatalítica que conduz a auto-seleção de um conjunto de elementos ligados em redes. Aqui trata-se de um princípio simbiótico fundamental existente” (ROSNAY, 1997, p.179).

Essa evolução constante pode ser vista nas relações entre homem e máquina em diversas esferas. Com automóveis, televisores, computadores e com dispositivos móveis, por exemplo. A partir disso, para Rosnay, a complexidade das relações simbióticas se configura em constantes transformações em um grau elevado de velocidade. “O funcionamento em redes da sociedade humana atinge tal grau de complexidade e evolui a uma velocidade tal que, daqui em diante, constitui um fenômeno simbiótico merecendo uma atenção particular” (ROSNAY, 1997, p. 183).

Os estudos entre o homem e a máquina também foram centrais no Campo da Comunicação. A Escola de Toronto, por exemplo, desenvolveu ideias nas quais os meios eram centrais na discussão. Foi nessa esteira teórica que Marshall McLuhan (1964) citou as facilidades do nosso dia a dia como extensões de nós mesmos. Nesse sentido, o alfabeto seria uma extensão da linguagem humana, o martelo uma extensão do braço, etc. Trazendo para o Campo da Comunicação, seria possível pensar no rádio como uma extensão da audição humana ou a televisão e a fotografia como extensões da visão, do olhar humano.

Com o avanço das tecnologias e das relações entre os sujeitos e a diversos dispositivos técnicos, pensadores da Escola canadense reconfiguraram e atualizaram os conceitos e as visões sobre o elo entre homem e máquina. Derrick de Kerckhove, um dos herdeiros da corrente teórica, tensiona as relações entre os seres humanos e seus perfis em redes sociais. Para o autor, externamos nossos diversos sentimentos no ambiente on-line, esse ato nos redireciona para uma vida em que não há barreiras ou bordas na vida on-line e off-line, ou seja, elas seguem como uma continuidade de quem somos, extensões da nossa vida e do “eu”. “Recorremos à internet e às redes sociais para expressar e compartilhar a indignação, a felicidade, o ódio e a ironia” (KERCKHOVE, 2015, p. 54).

A relação indissociável da vida on-line e off-line, defendida por Kerckhove, está relacionada com o amparo e a proliferação dos dispositivos móveis e com a ubiquidade

proporcionada por esses aparelhos. A conexão ubíqua permite observar o que Joel de Rosnay (1997) denominava de relações simbióticas. Com isso, as mídias móveis se tornam a materialização do próprio ser, onde não há uma separação do elo entre o que está on-line ou off-line.

É importante ressaltar, porém, que as relações simbióticas vão além das materialidades e das mediações. Os simbiotes, ou seja, o elo entre os polos do homem e da tecnologia, são compreendidos como percepções, vontades, inquietações e desejos, em um espaço desterritorializado, que nasce da interação quase ininterrupta dos seres humanos com seus aparatos tecnológicos.

Em um contexto global, que é afetado pela midiatização, as relações simbióticas modificam diversas camadas sociais nos mais diversos níveis. Os motoristas de aplicativo, como o Uber, por exemplo, surgem das relações com os dispositivos. A telemedicina é outro exemplo das relações entre a tecnologia e outra profissão. Podemos pensar, também, em como os profissionais da Comunicação estão inseridos nesse contexto. No âmbito do jornalismo, tema central da discussão deste artigo, os dispositivos móveis são utilizados nas redações para as mais diversas atividades da profissão: elaborar pautas, editar conteúdos, entrar em contato com as fontes, gravar programas como podcasts, vídeos e tirar fotografias.

Em artigo publicado pela Revista Âncora – Latino Americana de Jornalismo, foi possível observar, por meio de entrevistas com 15 jornalistas de portais de on-line de Curitiba-PR⁵, que praticamente a totalidade utiliza os dispositivos móveis em quase todas as atividades de produção da notícia. Ou seja, os aparelhos estão presentes em todas as atividades no “ato de fazer jornalismo”. Esses dados reafirmam que os jornalistas e dispositivos móveis estão em um processo de relações simbióticas.

Na perspectiva da midiatização europeia, Mark Deuze (2013) observa que as mídias móveis, em contato constante com a sociedade, produzem novas formas de sociabilidade. Porém, para o autor, isso pode ocasionar o que ele denomina de fenômeno zumbi

Esse uso intensivo e imersivo pode ser visto como nossa transformação em viciados impotentes, escravos das máquinas – zumbis. Nós somos zumbis no sentido em que sucumbimos acéfalos ao chamado de nossos aparelhos; somos zumbis porque usamos as mídias de modos que apagam nossas distinções como indivíduos; gravamos e remixamos a nós mesmos e uns aos outros com as novas tecnologias e nossa sociedade se zumbifica

⁵ Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/53767>

enquanto navegamos por ela –voluntariamente ou involuntariamente – aumentada por tecnologias de virtualização. (DEUZE, 2013, p. 114).

Como propõe o autor holandês, a zumbificação é resultado da relação com os dispositivos móveis, em que se modifica a própria percepção de nós enquanto sociedade. No âmbito do jornalismo, a zumbificação pode ser encarada como um desafio uma vez que o uso contínuo e indissociável de aparelhos como os *smartphones* pode atrapalhar na produção de conteúdo nas redações, por exemplo.

Nesse sentido, as ideias de Mark Deuze (2013) ultrapassam o sentido dado por McLuhan (1964) dos meios de comunicação como extensões do homem e do que Derrick de Kerckhove propõe como extensões on-line e off-line. O que Mark Deuze apresenta é uma leitura contemporânea do simbiote presente na literatura de Joel de Rosnay.

Marcio Morrison Kaviski Marcellino e Mônica Fort (2018), em reflexão sobre as relações simbióticas e o Campo da Comunicação, afirmam que se deve pensar nessas relações em três esferas. A primeira delas a de produção (jornalistas), a de distribuição (conglomerados de comunicação) e de meio (os próprios dispositivos).

Para a continuação do artigo, é necessário compreender, também, como o conceito de *affordances* está inserido nesse contexto e como ele se enquadra junto com as relações simbióticas nas práticas comunicacionais, mais especificamente no jornalismo e nas redações.

AFFORDANCES – ORIGEM DAS DISCUSSÕES DE JAMES JEROME GIBSON E APLICAÇÕES NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

O conceito de *affordances*⁶ (sem definição para a língua portuguesa) foi criado pelo psicólogo James Jerome Gibson e aprofundado em sua obra “*The ecological approach to visual perception*”, em 1979, para retratar da relação entre os animais e o meio ambiente. Para o autor, o conceito não deve ser tratado como uma percepção física desse elo, mas como um conjunto de comportamentos entre as variantes. “Eles (os *affordances*) não são apenas propriedades físicas abstratas. Eles têm unidade em relação à postura e comportamento do animal que está sendo considerado. Portanto, um

⁶ Por não existir uma definição para a expressão *affordances* para o português, o termo e seus variantes serão usados em inglês durante todo o decorrer da discussão deste artigo.

affordance não pode ser medido como medimos na física (GIBSON, 1979, p.128, tradução nossa).

Mas afinal, o que é um *affordance*? Gibson exemplifica seu conceito afirmando que “os diferentes objetos do ambiente têm diferentes possibilidades de manipulação. Os outros animais proporcionam, acima de tudo, um rico e complexo conjunto de interações, sexuais, predatórias, nutritivas, de luta, brincadeira, cooperação e comunicação. (GIBSON, 1979, p.128, tradução nossa). *Affordances*, portanto, é o primeiro passo para a interação do indivíduo (animal) com o ambiente.

Um fato importante sobre as *affordances* do ambiente é que elas são, em certo sentido, objetivas, reais e físicas, ao contrário dos valores e significados, que muitas vezes são considerados subjetivos, fenomenais e mentais. Mas, na verdade, as *affordances* não são nem uma propriedade objetiva nem uma propriedade subjetiva; ou é ambos, se quiser. Uma *affordance* ultrapassa a dicotomia subjetivo-objetivo e nos ajuda a entender sua inadequação. É igualmente um fato do ambiente e um fato do comportamento. Um ponto de acesso para os dois lados, para o ambiente e para o observador (GIBSON, 1979, p.129, tradução nossa.)

O conceito de *affordances* é usado também como uma propriedade no Design. Os designers aplicam a concepção teórica em duas variantes: propriedades (objeto) e capacidade (agente). Norman (1990) caracteriza as *affordances* como a facilidade de alguém utilizar um objeto. “Quando as *affordances* estão sendo aproveitadas, o usuário sabe o que fazer apenas olhando: nenhuma imagem, rótulo ou instrução é necessária. Coisas complexas podem exigir explicação, mas coisas simples não” (NORMAN, 1990, p. 9). Isso pode ser visto em produtos e objetos do cotidiano. Sentar em uma cadeira é algo instintivo, assim como abrir a maçaneta de uma porta, por exemplo.

Por se tratar de um conceito transdisciplinar, as Ciências da Comunicação já discutem há algum tempo as *affordances*, mas na mesma perspectiva do Design. Autores como Suzana Barbosa, Firmino da Silva, Marcos Palacios trabalham as suas relações com os dispositivos móveis, jornalismo e os novos formatos da comunicação. Compreende-se nesse artigo que essas discussões são relevantes e importantes para área. Porém, busca-se aqui um entendimento de como esse conceito se firma como parte das relações simbióticas e dos processos comunicacionais e midiáticos. Por isso, as duas perspectivas são importantes. A do Design pela observação dos aparelhos móveis e da adaptação e a de Gibson pela compreensão do ambiente.

A relação simbiótica entre dispositivos móveis e jornalistas – entre um objeto e um agente do ambiente – só é possível em um cenário em que as *affordances* são reconhecidas. Ou seja, os dispositivos móveis *affords*⁷ a relação simbiótica, uma vez que ao usar o *smartphone*, o indivíduo já tem previamente um conjunto de ações e práticas que são instantâneas e intuitivas de interação. Gibson (1979) alertava sobre a utilização dos objetos como um processo intuitivo.

A *affordance* de um objeto é o que a criança começa por perceber. O significado é observado antes que a substância e a superfície, a cor e a forma sejam vistas como tais. Uma *affordance* é uma combinação invariante de variáveis, e ninguém pode supor que é mais fácil perceber essa unidade invariante do que perceber todas as variáveis separadamente. Nunca é necessário distinguir as características de um objeto e, de fato, seria impossível fazê-lo. A percepção é econômica. (GIBSON, 1979, p. 135, tradução nossa).

As *affordances*, portanto, podem ser vistas como parte de um ambiente que proporciona a simbiose entre os profissionais de comunicação e os dispositivos móveis. Nesse sentido, a ambiência construída a partir da interação, da intuição e das possibilidades do ambiente, gera um acionamento de processos midiáticos entre agentes e objetos, como é possível observar no esquema desenhado a seguir.

Figura 1 - Esquema *affordances* e relações simbióticas nas redações midiáticas



⁷ Nesse contexto, *affords* possui o sentido de “prover” ou “proporcionar”. Funciona como uma contração da expressão *affordance*

Fonte: O autor, 2021

Como exemplo, podemos pensar nas redações de jornalismo e nas práticas nesses lugares. A utilização dos dispositivos de uma maneira simbiótica, instantânea aos processos, é possível graças as *affordances* desse ambiente, ou seja, do que esse ambiente provê e proporciona ao jornalista. A partir disso, podemos citar a relação com os dispositivos móveis (objetos dessa análise), o envolvimento com outros profissionais da comunicação e até mesmo com os atores sociais que estão fora do ciclo físico da redação, mas que estão presentes, graças as *affordances* e a simbiose, nos processos de construção da informação.

Além disso, é importante ressaltar que as relações com os dispositivos ocasionadas pelo contexto das *affordances* se tornaram não só processos sociais. Essas dinâmicas podem ser vistas como processos culturais em que as mídias estão engendradas como parte significativa do processo. Nesse percurso, não se trata de um determinismo tecnológico, mas de uma adaptação de um processo cultural vigente no contexto da midiaticização em que as práticas jornalísticas são verticais aos processos resultantes das relações simbióticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões propostas acima, conclui-se que os conceitos de *affordance* e simbiose estão presentes nas práticas e processos comunicacionais em ações cotidianas como na utilização de *smartphones*. No que se refere ao jornalismo, os conceitos aparecem nas práticas e processos dentro das redações como fatores de impulsam das interações.

Os conceitos de *affordance* e simbiose se aproximam também da midiaticização, uma vez que se cria uma nova ambiência em que a circulação de sentidos se torna exponencial graças as oportunidades proporcionadas pelo ambiente. As trocas dentro da redação, como exposto anteriormente, e com os atores sociais são parte dessa engrenagem.

Como trabalho futuro, tem-se a possibilidade de tensionar como as *affordances* e as relações simbióticas estão inseridas no contexto da circulação de sentidos nas redações de jornalismo. Ou seja, como essas trocas e elos simbólicos são constituídos e modificam

perspectivas e práticas sociais, principalmente no que se refere aos processos jornalísticos.

REFERÊNCIAS

- DEUZE, Mark. (2013). **Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver)**. Matrizes. N 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/478/pd>
- GIBSON, James Jerome. **The ecological approach to visual perception**. Psychology Press & Routledge Classic Editions, 1979.
- GOMES, Pedro Gilberto (2017). **Dos meios à midiatização: um conceito em evolução**. São Leopoldo RS: Editora Unisinos, Coleção Focus 2017.
- KAVISKI, Marcio; FORT, Mônica. **Smartphone como extensão simbiótica do jornalista: uma reflexão das relações homem-máquina na produção de notícias móveis**. Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 19 –29. Jan/Jul 2018.
- KERCKHOVE, Derrick. (2015). **E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico**. Matrizes. V 9, N 1, jan./jun. 2015. p. 53-64.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Comunicação, Disciplinaridade e Pensamento Complexo**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)**. São Paulo, editora Cultrix, 1964.
- NORMAN, Donald A. **The Design of everyday things**. New York; Basic Books, 1988.
- ROSNAY, Joel. (1997). **O homem simbiótico: perspectivas para um terceiro milênio**. Editora Vozes, 1997.
- SANTAELLA, Lucia. **Flusser: um pensador visionário**. Simpósio Flusser em Fluxo, Universidade Federal do Ceará, 2012.
- SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2013.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Edições Loyola, 2014